

lares, quando seja possível harmonizá-los.

De acordo com o que combinamos no Seminário, a minha última palavra sobre o caso das senhoras professoras será dita quando eu aí estiver em Visita Pastoral, e me seja possível apreciar de visu todas e cada uma das circunstâncias. Entretanto, ficou também combinado, com plena aquiescência de V. Revma., que depois de alguns meses, três meses mais ou menos, as senhoras professoras deixarão o hábito e toda a aparência externa de comunidade religiosa. Todavia, como senhoras que desejam viver cristãmente, nada impede que se auxiliem mutuamente no cumprimento de seus deveres religiosos, podendo adotar em particular o método de vida que melhor lhes aprouver e lhes indicar a piedade. Fora destes limites, padre, nada posso fazer, e creia V. Revma. que a minha decisão nesta matéria procede unicamente do desejo de prevenir complicações futuras e talvez muitas e grandes mágoas para mim, para V. Revma. e para as senhoras professoras. Não vejo em que possam ser materialmente prejudicadas essas senhoras, deixando uma senda por onde se encaminham talvez por boa fé, mas imprudentemente. Como simples professoras, piedosas e dotadas de boas qualidades, como o afirmou V. Revma. e se depreende dos documentos que lhe devolvo, muito bem podem fazer essas senhoras.

Deixando uma senda por onde se encaminham talvez por boa fé, mas imprudentemente.

Nesse caráter, não ponho dúvidas em protegê-las, em ampará-las. Mas antes de tudo é preciso que elas se convençam de que N. Senhor não pode aceitar a sua dedicação, quando esta contraria as vistas do Superior Eclesiástico e sem perturbar a ordem, a disciplina, o espírito de obediência e submissão em tudo o que respeita o serviço de Deus.

Eu estou certo que, bem aconselhadas por V. Revma., pesadas bem as circunstâncias diante de N. Senhor, as senhoras professoras não de ceder aos meus conselhos, com imensas vantagens para a paz e a tranquilidade de espírito de todos nós.

Terminando, asseguro a V. Revma. que por enquanto não o tenho em conta de um revoltado. Nem acredito que V. Revma. queira colocar-se nesta posição tão desastrosa para um padre. Não, meu caro padre, muito espero, pelo contrário, de V. Revma. e do bom espírito de quem procura a glória de Deus. V. Revma. nada perderá em comunicar-se freqüentemente com o seu Bispo, cuja preocupação única é a salvação das almas que lhe foram confiadas.

Envio a minha bênção às senhoras professoras e principalmente a V. Revma., na esperança de uma resposta positiva, cabal e satisfatória.

Subscrevo-me, de V. Revma. servo em N. S. Jesus Cristo
+ Duarte, Bispo Diocesano

(Doc. 3)
Curitiba, 21 de janeiro de 1905

Revmo. Sr. Pe. Cesário Wysinski
Rio Vermelho

Peço a Deus que recompense a V. Revma. e às suas professoras pelo ato de humildade que acabam de praticar submetendo-se à decisão da Autoridade Diocesana.

Nem V. Revma. nem as professoras compreenderam ainda os graves motivos que tenho para assim proceder. Mas Nosso Senhor lhes fará compreender mais tarde estas razões, recompensando o seu espírito de obediência. Se V. Revma. tem motivos grandes para ir à Europa, eu lhe darei a licença pedida. Mas convém tomar o menor tempo possível, para não prejudicar a situação espiritual desse Curato. Nesta hipótese, V. Revma. conservará o seu título.

Envio-lhe a minha bênção.

De V. Revma. servo em Jesus Cristo

+ Duarte, Bispo Diocesano

(Doc. 4)
Curitiba, 22 de novembro de 1905
Exma. Sra. Olga Odynska
Campo Alegre

Creio ter provado suficientemente o meu desejo de regularizar a situação das senhoras professoras.

Não me sendo possível remover os obstáculos que ora se apresentam, por isso que não dependem só de minha vontade, e não querendo as senhoras professoras conformar-se com a modesta, mas gloriosa profissão de simples professoras, deixando um hábito religioso que o Pe. Cesário não lhes podia dar, acho muito acertada a resolução de se retirarem para a Europa.

Sinto perder auxiliares que muito bons serviços poderiam prestar se ouvissem os meus conselhos.

Agora, porém, só me resta abençoá-las de coração e pedir a Nosso Senhor que as ampare e proteja.

Servo em Jesus Cristo

+ Duarte, Bispo Diocesano

NOTAS:

1. W. F. Piazza: "A Igreja em Santa Catarina — Notas para sua História", Florianópolis, 1977, p. 133.
2. Idem, p. 134.
3. Idem, p. 134.
4. Pe. Cesário Wysinski; nasceu na Polônia e chegou ao Brasil em 1893. De 1900 a 1902 foi Cura no Alto Paraguaçu; a 24/03/1903, 1º Cura do Rio Vermelho, donde se retira em 1905. Em 1910 foi Professor no Seminário Polaco dos Santos Cirilo e Metódio, em Orchard Lake, Michigan, USA.
5. Cartas transcritas do Copiador Episcopal, no Arquivo da Arquidiocese de Curitiba.

Endereço do Autor: Casa Paroquial de Saco dos Limões — Rua João Mota Espezim s/nº — 88045 — FLORIANÓPOLIS, SC

RECENSÃO

O DEUS DA REVELAÇÃO

A dialética entre revelação e libertação na teologia latino-americana, da "Evangelii Nuntiandi" à "Libertatis Nuntius"

autor: VÍTOR GALDINO FELLER — Ed. Loyola, SP, 1988

Pe. Orlando Brandes
Prof. de Teologia Moral

1. Aspectos positivos

1. Lembro-me de que, nos primórdios do ITESC, Dom Afonso Niehues, então Arcebispo Metropolitano de Florianópolis, sempre pedia a nós, professores, que escrevêssemos artigos, livros, recensões, a fim de que nosso Instituto fosse conhecido nos meios teológicos do País.

Hoje temos, além desta revista ENCONTROS TEOLÓGICOS, vários livros e artigos do nosso corpo docente. Sem dúvida o livro do Pe. Vítor Galdino FELLER, atualmente nosso Diretor, honra de modo especial a nossa instituição acadêmica por ser uma tese de doutoramento, dando maior credibilidade à "teologia barriga-verde".

2. Todos sabemos que a defesa de uma tese de doutoramento na Universidade Gregoriana — em qualquer Universidade — custa caro. Muita pesquisa, trabalho e dedicação em termos de leitura, redação, correção, datilografia, revisão, exame oral etc. Portanto, um livro como este merece respeito, reconhecimento e apreciação pelo alto preço de sua fecundação, geração, confecção e divulgação no mercado teológico.

3. Outro aspecto a ser ressaltado é que o nosso autor quis dar um passo além nas pesquisas teológicas latino-americanas. Sua queixa é que, após vinte anos de Teologia da Libertação (TdL), não há ainda uma sistematização sobre o tema “Deus e a libertação”. Não existe uma pergunta explícita sobre Deus. Os teólogos da América Latina fixaram-se mais na Bíblia, Cristologia, Eclesiologia. Deus quase ficou esquecido. Para conseguir dar, então, este passo além, Pe. Vítor enfrentou uma bibliografia respeitável, pois sua tese não se desenvolve em cima de um autor, mas em dez anos de produção teológica num continente, diga-se de passagem, uma produção muito fecunda.

4. Com a presente obra, a TdL sai enriquecida e também questionada. E os interessados pelo crescimento da teologia latino-americana são incentivados a continuar as pesquisas sobre Deus, a Revelação, o Mistério em perspectiva libertadora. Nesta obra todos temos acesso mais facilitado ao santuário da TdL, pois nosso autor consegue fazer uma síntese vigorosa dos pontos nevrálgicos dessa teologia. Penso que o livro marca época pela novidade do tema e pela síntese alcançada, e assim será ótima fonte de consulta para o futuro.

Com a presente obra, a TdL sai enriquecida e também questionada.

5. Enquanto sistematização, compilação e síntese de diversos autores, o livro torna-se um “compêndio de TdL”. Quase um “catecismo libertário”, um “vade-mecum liberationis”. O leitor da obra não pode ficar neutro: amará ou rejeitará a TdL.

6. O tema central do livro focaliza a revelação de Deus de baixo para cima. Não tanto uma teofania mas uma “diafania” (p.300), de dentro da história para fora. Na cruz, nos crucificados, nos empobrecidos, na história, no submundo, Deus se revela como Deus da vida, libertador, salvador, amor, “o último dos homens” (p.147). O livro conduz o leitor ao pobre, e deste a Deus, superando imagens e doutrinas alienadoras do passado como o “monaquismo”, a “fuga do mundo”, o eclesiocentrismo enquanto confronto com o mundo, e o secularismo, ou seja, a separação do mundo. Nosso Deus é um “Deus mundano”, diria Hans KÜNG. O autor nos ajuda a descobrir quem é teologicamente o pobre e nele quem é Deus e, em Deus, quem é o homem. Nesta antropologia teocêntrica dá-se o encontro entre a revelação e a TdL, onde Deus não é só imanente e transcendente, mas também transparente. O lugar privilegiado da revelação de Deus, segundo a teologia latino-americana, é o pobre em sua fé e na sua práxis libertadora, tanto que, com esta releitura da revelação, acontece uma nova descoberta de Deus, isto é, “desenferrujam-se os ferrolhos que O prendem à beleza do cosmos, ao passado da história, às verdades dogmáticas, às declarações magiste-

riais, às experiências ascético-místicas, às especulações teológicas” (p.301).

7. Gostaria de salientar ainda a intensidade com que o autor trabalha a teologia da história e a teologia da cruz, especialmente quando aprofunda a dimensão do “sofrimento de Deus”. Na cruz, nos crucificados da história, nos empobrecidos, Deus se revela como Deus da Vida, libertador, Amor. Pelas ações, pelas obras, pela opção de Deus pelos pobres, no coração da história e especialmente na anti-história da injustiça e opressão, descobrimos quem é Deus. Quase poderíamos rezar assim: Creio em Deus que está na história, ou: Pai-nosso que estás na história. ... sim, é na história que se dá o “encontro de amantes”, o encontro entre Deus e o homem (p.154), sob a ótica do pobre.

Lugar privilegiado da revelação de Deus, segundo a teologia latino-americana, é o pobre.

8. Em toda a sua obra, Pe. Vítor teologizou libertadoramente, isto é, nunca pageou, pelo contrário, criticou a ideologização da teologia, como também explicou a necessidade da ideologia e das ciências sociais na TdL. As afirmações são radicais mas fiéis ao rigor científico da Teologia, sem apelar para agressões, ranços, negativismos extremistas. É um livro de sistematização da TdL entre 1975 e 1986, no que tange a revelação de Deus.

9. Embora seja um livro específico a respeito de Deus e da revelação, encontramos em suas páginas os temas fundamentais da TdL. Dentre eles destacam-se: a releitura bíblica (pp.41-44), o círculo hermenêutico (pp.44-49), fé e ideologia (pp.60-69), análise da realidade (pp.49-52), teologia da história (pp.130-136), teologia da cruz (pp.198-226), a opção preferencial pelos pobres, a Igreja libertadora, o Jesus da história (pp.174-196), o Reino e a prática de Jesus (pp.182-194), justiça social e conflitos com o magistério (pp.269-173). Por estas reflexões e outras menos centrais, podemos afirmar ser o livro do Pe. Vítor um “compêndio de TdL”.

10. A obra toda é escrita com profundidade, num estilo macio, agradável e até com “neoteologismos” como este: “Jesus desteocratiza o governo tornando-o basileiocracia” (p.214) e ainda: “Jesus se relacionava com o Pai basileicamente” (p.315). Jesus optou por esquecer sua condição divina: “Ele é o único homem que pôde revelar a Deus quem é o homem” (p.314).

2. Algumas observações críticas

1. A exortação Apostólica “Evangélii Nuntiandi” que, no subtítulo do livro aparece como marco histórico inicial da pesquisa, na verdade passa a ser apenas marco cronológico, porque não existe em nenhuma parte do livro uma reflexão sobre este documento que verdadeiramente é um marco histórico para a TdL. Pelo contrário, mais citado na obra é o documento de Puebla. Este, sim, deveria estar no subtítulo. Igualmente as Instruções da Congregação da Fé, “Libertátis Nuntius” e “Libertátis Conscientia”, que estão no subtítulo como marco histórico final da pesquisa, na verdade recebem algumas críticas, por sinal bastante negativas por parte do autor, e acabam sendo elas também um marco meramente cronológico. Com esta

observação quero dizer que o livro não está polarizado nos documentos eclesiais mencionados, mas nas obras de J. SOBRINO que é citado 118 vezes, J. L. SEGUNDO, L. BOFF, e G. GUTIERREZ. A viga mestra da pesquisa, salvo melhor juízo, é J. SOBRINO, que, como sabemos, escreveu mais cristologias que "teo-logias".

*A viga mestra da pesquisa, salvo melhor juízo,
é J. SOBRINO.*

2. O autor se lamenta reiteradas vezes de que, em vinte anos de reflexão teológica na América Latina, não existe uma pergunta explícita sobre Deus (cf. p.19). Está apenas iniciando um discurso sistemático do tema (p.299). A respeito de Deus só existem "jóias raras dispersas" (p.304). Promete então uma sistematização e uma crítica sobre a questão de Deus (pp.15-16), uma nova concepção de revelação e por dez vezes afirma que sua pesquisa irá superar os estudos de A. G. RUBIO, S. C. PABÓN, F. L. C. TEIXEIRA, J. A. RUIZ DE GOPEQUI, e V. ARAYA. As promessas são grandes, mas no final da leitura do livro ainda permanece aquele vácuo reclamado pelo autor, porque não serão estudadas as Pessoas Divinas, como alerta na p. 35, nem a Trindade como a melhor Comunidade e fundamento da nova sociedade e da libertação, nem Deus Criador com seu projeto de comunhão e aliança, nem o Deus do Êxodo e dos Profetas.

3. Há um lapso de tradução ou de datilografia: "*ante e retro oculata*" foi traduzido (ou apenas citado) como "*ante e retro-oculta*". A tradução, se o autor pretendia traduzir, é: "com olhos para frente e para trás", como aliás ele explica a seguir, reportando-se a L. BOFF (cf. Id., "*O caminhar da Igreja com os oprimidos*", Ed. Vozes, RJ, 1980, pp. 159-161).

4. Devido à vastidão das leituras feitas, torna-se difícil para o autor conservar uma lógica rigorosamente científica e coerente. Vejamos algumas afirmações.

a) Aparece várias vezes a doutrina do amor parcial de Deus (pp. 11, 16, 231), a parcialidade da palavra (p. 298), a parcialidade de Deus (p.231), mas ao mesmo tempo são evocados argumentos a favor da universalidade, como: "Deus ama a todos mas de modo diverso" (p.77), ou ainda, "Deus revela-se através de todos" (p.109), "o Espírito Santo trabalha no mundo mediante a ação de todos os homens de boa vontade" (p.288). Propõe o autor a doutrina do "panenteísmo", Deus em todos (p.300) como superação do teísmo e do panteísmo.

Enquanto fala do amor parcial de Deus defende, por outro lado, o "amor absoluto ao próximo" (p.106). É preciso submeter-se a Deus como a Manoel, Aparecida" (p.79), mas "Deus não pode estar excessivamente imanente, nem imerso no meio do mundo" (p.75) e, ainda, "adorar o mistério é amar o irmão" (p.118). São teses um tanto discutíveis.

b) Nosso Deus, escreve o autor, é "empático e simpático, nunca antipático nem apático à história, aos homens" (p.204). O acesso a Ele "não se faz mais pelo culto, pelo templo, nem pelo cosmos, mas pelo empobrecido" (p.212).

... Todas estas afirmações radicais ficam relativizadas quando se afirma que "permanecer no mistério é o *único lugar* de um acesso concreto a Deus" (p.74).

O autor usa muitas vezes a expressão "único lugar"

e a aplica a realidades distintas, como: "A morte de Cristo na cruz é o 'único lugar' da mediação para o encontro com Deus" (p.203). Anteriormente afirmara que "permanecer no ministério é o 'único lugar' de acesso concreto a Deus", como já vimos (p.74). Em seguida afirma que adorar Deus no próximo... é "o único que deve ser adorado" (p.79). Enfim, precisaria ser melhor explicitada, no contexto, a tese de que "Deus é o 'único' motor de transformação da realidade sofrida" (p.14).

Não afirmo que haja erro nessas doutrinas, mas que se torna difícil a compreensão e às vezes sem lógica rigorosa, talvez porque foram muitas as fontes consultadas.

c) O grande esforço do Pe. Vítor consistiu em apresentar Deus, o Pai de Jesus, que se revela na fé do pobre e na práxis libertadora do homem. Todo o seu livro é sobre Deus. Surpreendentemente lemos, na p.124: "Jesus não anunciou o Deus do Reino, mas o Reino de Deus". Depois dirá que "na TdL o essencial é Deus" (p.303).

5. O conceito de revelação fica oscilando entre a visão tradicional, que aparece nas pp. 95 a 99 (e reaparece na p.235): "Ao criar o mundo, Deus já se comunica" (p.96), e o conceito libertador, onde é dito várias vezes que "nos pobres, na cruz, na libertação", Deus se revela "de modo novo" (p.86), mas que já "no clamor dos oprimidos do povo de Israel Deus ia se revelando" (cf.p.136).

*Não temos, na teologia latino-americana uma
"nova revelação", mas sim uma "releitura da
revelação".*

Então não temos, na teologia latino-americana uma "nova revelação", mas sim uma "releitura da revelação" (p.36). Da parte de Deus a revelação já chegou à plenitude em Cristo, mas da nossa parte ela vai sendo descoberta, continua acontecendo (p.96). Em síntese: nosso autor promete fazer uma "releitura da revelação" (p.36), mas no seu entusiasmo se esquece dessa "releitura" e reiteradas vezes fala em "novo modo de Deus se revelar na fé do povo e na práxis da libertação". Este "novo modo" já é velho, ou seja, Deus se revelava nos oprimidos do povo de Israel (p.136, já cit. acima). Como se vê, há uma oscilação de conceitos. Penso que melhor seria dizer que na TdL se faz uma releitura da revelação e não um "modo novo de revelação". O novo não está em Deus, mas em nós que O descobrimos presente nos oprimidos de hoje, como outrora nos oprimidos de Israel.

6. Minha observação mais crítica situa-se em torno do cap. IV, da pneumatologia ali desenvolvida. Pe. Vítor observa que GUTIERREZ silenciou a respeito do Espírito Santo (p.257) e assinala que as referências da TdL ao Paráclito são poucas. (p.318) Verdadeiramente o que salva este capítulo são as citações de Puebla. Até a garra, o fervor e o estilo diferem dos capítulos anteriores. Dá a impressão de que há muito o que dizer do Espírito em termos de pneumatologia libertadora. O Espírito Santo permanece empobrecido e injustiçado na teologia latino-americana, que muitas vezes se limita a criticar o pentecostalismo, mas sem substituí-lo por algo melhor.

Repito que o Espírito Santo fica empobrecido, porque temos tantas razões para uma pneumatologia libertadora quanto para uma cristologia. Vejamos: Não é o Espírito

Santo "fonte de Vida"? "Pai dos pobres"? Boca dos profetas? Força dos Mártires? Defensor da Justiça (cf. Jo 16,8)? Inspirador do programa de Jesus libertador dos pobres (Lc 4,18ss)? Inspirador também da oração alegre porque o Pai se revela aos pequeninos (Lc 10,21)? Não é Ele o Espírito de Liberdade (cf. 2Cor 3,17)?

No item sobre o Espírito Santo e o mundo, nem sequer é recordada a passagem de At 10,15, onde o Espírito desce sobre os pagãos — e hoje sobre as culturas, as outras religiões, as artes, os movimentos populares! Se ao menos fosse lembrado TOMAS de Aquino quando ensina que "Qualquer verdade, dita por quem quer que seja, vem do Espírito Santo" (I-II 1,109, a.1).

Igualmente o item sobre a Igreja e o Espírito Santo, não contempla que o Espírito é "alma da Igreja e ela o corpo do Espírito", e que portanto a organização do povo é obra do Divino. Surpreendentemente, nada se escreve sobre os ministérios, os dons, as CEBs, as pastorais sociais onde o Espírito é fonte de unidade e de diferença, de pluralismo, de diversidade, de multiplicidade. É o Espírito que possibilita a comunhão na diferença. O ecumenismo foi igualmente esquecido, e nem mesmo lembrado o Vaticano II onde se ensina que o Espírito é "o Senhor da história" (G. et Spes 26) e que Ele "agia no mundo antes de Cristo" (AD Gentes 4).

O Espírito é "alma da Igreja e ela o corpo do Espírito".

Porque os teólogos da libertação não se fundamentam nos textos contra a simonia (At 8, 14-18) e contra a mentira de Ananias e Safira, escravos da riqueza (At 5,3.9), para profetizar em nome do Espírito, contra a idolatria do dinheiro? A organização e o atendimento das viúvas é também obra do Consolador (At 6, 3-9). Enfim, até a questão do "filiouque" poderia ser explorada numa pneumatologia libertadora, por ser uma questão política e religiosa. Uma aliança entre a Teologia ortodoxa e a TdL enriqueceria a ambas.

A esta altura quero deixar claro que minhas críticas, neste particular, não se referem ao livro do Pe. Vítor como tal, mas aos teólogos da libertação, em suas omissões no que tange ao Espírito Santo. Penso, porém, que nosso autor deveria ter explorado melhor a reflexão sobre o Espírito Santo e o feminino em L. BOFF.

Ainda não chegamos à consciência e nem à vivência do cristianismo trinitário.

7. Gostaria ainda de observar que a conclusão geral da obra (pp.291ss), no meu ponto de vista, deveria ser mais crítica e mais exigente por parte do autor. A ausência de uma reflexão sobre a Trindade, a exclusão da teologia da Criação e, conseqüentemente, da antropologia teológica do Gênesis, a debilidade da Pneumatologia, são argumentos fortes para se tecer uma crítica conclusiva. Além disso, o autor já dispunha das duas Instruções da Congregação da Fé, as quais têm observações muito objetivas e que não foram aproveitadas nessa conclusão geral.

Com L. BOFF podemos dizer que ainda não chegamos à consciência e nem à vivência do cristianismo trinitário.

Até parece que Joaquim DE FIORE, já no séc. XIV, tinha razão, pois também nós dividimos a Trindade em: monoteísmo, Cristomonismo e pentecostalismo.

3. Algumas perguntas ao autor

1. Por que promete, na introdução, um livro sistemático sobre Deus (p.19); depois, opta por não estudar as Pessoas Divinas (pp.35-36) mas fazer uma releitura da revelação (p.36) o; e, antes, havia falado em uma "sistematização sobre o melhor das intuições teológicas da corrente central da teologia latino-americana" (p.10)? Pela abrangência e o feito da obra, parece que esta última opção é a mais adequada.

2. Sendo um livro a respeito de Deus e sua revelação, por que deixou em segundo plano a sistematização, aliás muito feliz, de L. BOFF, no livro "A Trindade, a Sociedade e a Libertação"? Por que não se apropriou dos escritos sobre Deus de E. Dussel, que focaliza a Transcendência, a Alteridade e a Teologia do Outro (Deus)? Por que privilegiou mais autores cristocêntricos, dentre eles J. SOBRI-NO, citado, como já observei acima, 118 vezes ao pé da página, fora as citações no texto, e relegou para o segundo plano autores mais "teocêntricos" como: R. ANTONCICH, A. PAOLI, Cardeal PIRONIO, L. PROAÑO, S. CARRILO, L. GERA e outros?

O que faltava e falta é a pergunta e a sistematização sobre Deus-Trindade.

3. Como puderam os teólogos da libertação estudar o Êxodo, os Profetas, a religiosidade popular, sem fazer a pergunta explícita sobre Deus? Como pôde o Pe. Vítor fazer a pergunta explícita e até sistematizar as reflexões sobre Deus exatamente consultando os autores que ele criticou por serem omissos na questão? Sou de opinião que a pergunta sobre Deus já existia, mas o que faltava e falta é a pergunta e a sistematização sobre Deus-Trindade, "a melhor comunidade".

4. Por que escreve, na p.313, que a "tarefa libertadora foi iniciada por Cristo"? Onde ficam o Êxodo, os Profetas, a criação do homem à imagem e semelhança de Deus e o projeto da Aliança? Aliás, sem a teologia da Criação, não estariam os teólogos da libertação calcando demais o "dolorismo" e fazendo uma "teologia sisuda", sem a subjetividade, sem a ecologia, sem a afetividade, sem a festa? Portanto, uma teologia com demasia racionalidade crítica e pastoral?

5. Não estariam os teólogos latino-americanos radicalizando a cristologia com afirmações do tipo das que seguem: "Se Jesus acreditava em Deus e Lhe era fiel e obediente, era porque Ele mesmo ia se descobrindo como agente do Reino" (p.315)? Ou ainda: "É na prática da justiça que Jesus encontra o acesso ao mistério de Deus e mais precisamente a Deus enquanto mistério"? E ainda: "Jesus é o único homem que pôde revelar a Deus quem é o homem" (p.314)?

6. Por que o autor parte do pressuposto de que o povo tem uma experiência e uma fé madura a respeito de Deus? A premissa está na p. 13. Como então explicar as críticas

levantadas pela sociologia religiosa e pela religiosidade popular a respeito da fé mágica, do sincretismo religioso, do mariocentrismo, do medo de Deus, do desconhecimento do Espírito Santo, do culto exagerado aos Santos, da religiosidade alienante? Creio que é preciso fazer uma distinção mais rigorosa entre fé e religião.

Conclusão

Os aspectos positivos do livro do Pe. Vítor Galdino

FELLER ultrapassam de longe as observações críticas aqui acenadas e estas não pretendem ser um juízo definitivo. São um ponto de vista. O que importa é a leitura do livro e a continuação do estudo do tema pesquisado, como aliás já está acontecendo em relação à pneumatologia, mariologia e outros setores da Teologia.

Endereço do recensor:
ITESC — Caixa postal 5.041
88041 — Florianópolis — SC

*** CONTRIBUIÇÃO PARA A ASSINATURA**

Renovamos o pedido, a todos os que recebem a revista, para que nos remetam uma contribuição de Cr\$ 800,00 por número, atualizando essa quantia conforme a inflação. . . O cheque nominal seja endereçado a:

ENCONTROS TEOLÓGICOS
Caixa Postal 5041 — ITESC
88041 FLORIANÓPOLIS, SC